

**Conto *Old Man at the Bridge*:
Da Tradução à Análise do Papel do Tradutor
Como Negociador de Sentidos**

Christiano Titoneli Santana¹
(PUC-RJ)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar, de forma geral, o papel do tradutor como mediador entre culturas e sua relação com os conceitos da obra original no ato tradutório, o processo de negociação de sentidos em busca de uma tradução com um olhar mais cultural e social para a língua de chegada. Sendo assim, mostrar-se-á o processo tradutório não como equivalência lexical, mas como correspondência de sentidos. Com isso, serão discutidas as influências sociais, culturais e linguísticas ao traduzir.

Palavras-chave: tradução, ato tradutório, língua-fonte, língua-alvo, papel do tradutor, obra original.

ABSTRACT

This article has the purpose of showing the translator's role as a mediator among cultures and their relationship with the concepts in the original book throughout the translation process and the negotiation of meanings, aiming at a more cultural and social focus on the target language. Therefore, the translation process shall be shown not as an equivalence of words, but as a correspondence of meanings. Thus, the social, cultural, and linguistic influences shall be discussed in the translation process.

Keywords: translation, translation act, source language, target language, translator's role, original work.

¹ Pós-graduando (Lato Sensu) em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), graduado pelo Centro Universitário Plínio Leite (UNIPLI) em Letras (Português/Inglês), RJ. E-mail: christiano.tradutor@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2442786998285426>.

1. TRADUÇÃO DO CONTO *OLD MAN AT THE BRIDGE*, DE ERNEST HEMINGWAY

Old Man at the Bridge **Um Velho Senhor na Ponte**

Um velho senhor, usando óculos de armação de aço e roupas muito sujas, sentou-se à beira da estrada. Havia uma ponte flutuante que cruzava o rio, e por ela passavam carroças, caminhões, homens, mulheres e crianças. As carroças, movidas por mulas, sacolejavam ao subir a ribanceira após atravessar a ponte, com a ajuda dos soldados que as empurravam pelos raios das rodas. Deixando tudo para trás, os caminhões seguiam caminho com muita dificuldade, e os camponeses, com os tornozelos cobertos de poeira, mal conseguiam andar. Mas lá estava o velho senhor sentado sem se mexer; cansado, não conseguia dar nenhum só passo.

O meu dever era atravessar a ponte, ir até o outro lado e saber a que altura avançava o inimigo. Depois, voltava ao início da ponte. Já quase não havia mais carroças e pessoas a pé, mas o velho senhor ainda ali permanecia.

“De onde vem o senhor?”, perguntei-lhe.

“De San Carlos”, respondeu, dando um sorriso.

Era sua terra natal, ele sorriu e demonstrou orgulho ao dizer o nome da cidade.

“Eu tava tomando conta dos animais”, explicou ele.

“Ah, sim”, respondi, sem entender muito.

“Pois é”, disse ele, “eu tava tomando conta dos animais. Fui o último a sair da cidade de San Carlos.”

Ele não parecia ser nem pastor nem boiadeiro, olhei para aquela roupa encardida de poeira, para seu rosto todo empoeirado e para aqueles óculos de armação de aço e, então, perguntei: “Que tipo de animais eram?”

“Vários”, disse ele, balançando a cabeça, com tristeza. “Eu tive que deixar eles pra trás”.

Fiquei olhando a ponte, a cidade do Delta do Ebro, que mais parecia a África, e me perguntei quanto tempo mais restaria para o inimigo chegar, e permaneci atento a

qualquer barulho que sinalizasse o acontecimento tão misterioso chamado contato, e o velho senhor continuava ali sentado.

“Que tipo de animais eram esses?”, voltei a perguntar.

“Eram três no total”, explicou ele. “Eram duas cabras e um gato, tirando os quatro casais de pombo.”

“Então o senhor teve que abandonar eles?”, perguntei.

“É. Foi por causa da artilharia. O capitão me disse pra ir embora por causa da artilharia.”

“Você não tem família não?”, perguntei, olhando para o outro lado da ponte, onde ainda algumas carroças apressavam-se para descer a ribanceira.

“Não”, respondeu ele, “só os animais que eu disse. O gato, sem dúvida, vai ficar bem. O gato sabe se cuidar muito bem, mas não sei o que será dos demais.”

“O senhor gosta de política?”, perguntei-lhe.

“Não entendo nada de política”, respondeu. “Estou com setenta e seis anos. Já andei doze quilômetros, nem sei se consigo dar um passo a mais.”

“Aqui não é um bom lugar pra se parar”, disse eu. “Se quer mesmo sair daqui, tem uns caminhões um pouco mais adiante dessa estrada que estão indo pra Tortosa.”

“Vou ficar mais um pouco”, comentou ele, “e depois eu vou. Pra onde os caminhões vão mesmo?”

“Pra Barcelona”, respondi.

“Não conheço ninguém que vai pra lá”, disse ele, “mas muito obrigado. Obrigado mesmo.”

Com uma expressão de vazio e cansaço, ele olhou para mim e disse, como se quisesse dividir sua preocupação comigo: “O gato vai ficar bem, tenho certeza. Não preciso me preocupar com o gato, mas o resto? O que você acha que vai acontecer com os outros, hã?”

“Olha, tudo indica que eles se sairão bem dessa.”

“Acha mesmo?”

“Por que não?”, disse eu, olhando para o final da ponte, onde não se via nem mais carroças.

“Como esses animais vão se proteger de tanta artilharia, já que me mandaram sair correndo de lá?”

“O senhor deixou a gaiola aberta pra as pombas saírem?”, perguntei-lhe.

“Claro.”

“Ah, então elas voarão pra bem longe.”

“Tomara! Mas os outros. Acho melhor nem pensar muito nisso”, disse ele.

“Se o senhor já descansou, é melhor ir. Eu iria”, insisti. “Levante, tente ficar de pé.”

“Obrigado”, disse ele, levantou-se cambaleando e caiu para trás em meio àquela poeira.

“Eu tava tomando conta dos animais”, disse ele, totalmente apático e sozinho.

“Eu só tava tomando conta dos animais.”

Não havia mais nada a se fazer. Era domingo de Páscoa, e os fascistas avançavam em direção ao Ebro. Nesse dia, o céu estava muito escuro e as nuvens baixas impediam que os aviões subissem aos céus. Essa situação e o caso dos gatos foram a única coisa boa que lhe restava.

2. ANÁLISE DO PROCESSO TRADUTÓRIO

Esta análise pretende abarcar alguns pontos críticos (que estarão em **negrito e itálico>**) no processo de tradução e, em seguida, argumentar a respeito do papel do tradutor face ao peso contextual e pragmático da língua da obra original e ao estilo de escrita do autor. Com a finalidade de melhor entendimento, serão apresentados alguns parágrafos da obra original com os respectivos parágrafos da minha proposta de tradução, conforme disponibilizada na seção anterior.

De forma alguma, tem-se a pretensão de apresentar a tradução como modelo, mas como um meio de repensarmos a questão da reprodução, negociação e ressignificação de sentidos e de analisarmos o papel do tradutor como mediador entre culturas. Sendo assim, segue-se, então, a análise.

(I)

<u>Texto original</u>
(?) Old Man at the Bridge
<u>Tradução proposta</u>
Um Velho Senhor na Ponte

Antes de mais nada, precisamos verificar esse cuidado do autor Hemingway ao não colocar o artigo *the* no início do título. Temos de observar que o autor, nesse caso, generaliza o homem, dando um aspecto mais universal. Porém, no processo tradutório, o tradutor encontra essa primeira questão e, portanto, deve ser pensada e estudada durante o conto, para no fim da tradução levar ao leitor um título que compartilhe o

mesmo espírito com o do original. Após traduzir o conto e revisá-lo, voltei ao título e pensei na hipótese de acrescentar o artigo indefinido *um* ao título. Se tentássemos ser “fiéis” ao texto-fonte, não levando em conta a formação de sentidos, o título ficaria da seguinte forma: *Velho na ponte*. Além de apresentar um truncamento na tradução, evidencia-se que não foi avaliada a natureza estrutural da língua-alvo. Portanto, o acréscimo do artigo traz ao leitor a quebra do estranhamento rítmico do título, atribuindo a este o sentido generalista do ser humano que o autor quis provocar. Conforme diz Sobral (2008):

Ao traduzir, o tradutor procura entender o que é expresso numa língua, considerando quem diz o quê, como, onde, quando e, principalmente, com que intenção e no âmbito de que cultura, e procura fazer isso ser entendido em outra língua, levando em conta quem diz o quê, como, onde quando e, principalmente, com que intenção e no âmbito de que cultura.

(II)

Texto original
<p>An old man with steel rimmed spectacles and very dusty clothes sat by the side of the road. There was a <i>pontoon bridge</i> across the river and carts, trucks, and men, women and children were crossing it.</p>
Tradução proposta
<p>Um velho senhor, usando óculos de armação de aço e roupas muito sujas, sentou-se à beira da estrada. Havia uma <i>ponte flutuante</i> que cruzava o rio, e por ela passavam carroças, caminhões, homens, mulheres e crianças.</p>

Nessa passagem, o tradutor depara-se com as palavras *pontoon bridge* que a tradução equivalente seria *pontão*. O dicionário Aulete on-line apresenta a seguinte definição: “Plataforma flutuante que serve de ponte ou que, junto com outras, forma uma ponte”. O papel do tradutor é avaliar o peso contextual da palavra na língua-fonte e examinar a questão da correspondência de sentido para a língua-alvo. O tradutor deve indagar-se: “Será que ao colocar a palavra *pontão* estarei sendo fiel ao texto original e, Revista Litteris – www.revistaliteris.com.br Setembro de 2011

ao mesmo tempo, a compreensão chegará ao meu leitor-alvo de forma fluida?” Ao examinarmos essa questão, podemos chegar a algumas conclusões. Talvez manter a palavra *pontão* seja uma questão meramente de equivalência de palavra, mas não de correspondência cultural. Apesar da palavra *pontão* existir na língua-alvo, não transparece a objetividade e clareza do autor Hemingway. Os seus textos têm a simplicidade como critério; a beleza de seu texto implica na crítica e no valor de conhecimento de mundo que ele deseja passar. Portanto, escolher a palavra *pontão* na língua portuguesa talvez traga uma falsa felicidade ao tradutor, ao crer que passou a visão do contexto militar que o autor desejava transmitir, porém engana-se, pois o leitor da língua-alvo será capaz de construir a imagem a partir de conceitos que tenham um compromisso maior com a sua própria ideia sociocultural.

Dessa forma, em busca da negociação de sentido de um termo que equilibrasse a linguagem corrente com o uso militar, foram escolhidas as palavras “ponte flutuante” como resultado de um trabalho de pesquisa desses termos em jornais na língua portuguesa, conforme apresentado, a seguir, na manchete do jornal o Globo on-line: “Exército termina montagem de ponte flutuante no Pantanal” (Globo On-line Cidades, publicado em 18/04/2011).

Concluimos, então, que o uso dos termos *ponte flutuante* tem uma relação maior de sentido na cultura da língua-fonte do que a palavra *pontão*. E a respeito da importância da correspondência cultural, Sobral (2008, p. 81) faz a seguinte observação:

Pensar a interpretação como a busca de correspondência [...] implica pensar as línguas não como compostas por elementos equivalentes aos de outras línguas, mas como compostas por formas de expressão que usam esses elementos para criar, no âmbito de uma dada cultura, formada por diferentes expressões, sentidos que a operação de tradução pode fazer corresponder a sentidos criados em outra cultura, igualmente complexa, formas de expressão que não são exatamente iguais nem equivalentes, mas que permitem criar efeitos de sentidos semelhantes.

(III)

Texto original

"I *was* taking care of *animals*," he explained.

Tradução proposta

“Eu *tava* tomando conta dos *animais*”, explicou ele.

O primeiro aspecto que devemos pensar a partir dessa frase não é exatamente o entrelaçamento das palavras, mas o traço da linguagem oral. Quando vemos, na tradução, o verbo *estar* no pretérito perfeito do indicativo *estava* na sua forma reduzida *tava*, percebemos um traço da oralidade. Para criar esse traço, é preciso recorrer ao estilo daquele personagem, arguir se a fala do personagem carrega um tom formal ou informal. Essa questão é importante de ser levantada, pois alguns tradutores podem negligenciar esse critério, dando às vezes um tom totalmente formal/artificial à fala do personagem. Nesta tradução, ao pensar na simplicidade do autor do conto, preoquei-me em levar essa oralidade na escrita, no intuito de trazer em evidência a fala mais natural de um camponês. O cenário construído é sinônimo de pressa e movimento; entende-se, então, que um diálogo entre duas pessoas, que se conhecem em meio à ebulição de uma guerra, não será de total polidez, uma vez analisado o perfil dos personagens.

Outro aspecto é a questão da padronização da frase. O tradutor deve perceber que durante o conto a frase: “Eu *tava* tomando conta dos *animais*” repete-se praticamente da mesma forma; portanto, o tradutor deve estar atento à estética da frase, para que ela possa adequar-se em todos os momentos que aparecer. A padronização é de extrema relevância, pois há um motivo para o autor manter a frase e fazer pequenos acréscimos durante sua aparição, fato este comprovado também na última menção da frase: “Eu *só* *tava* tomando conta dos *animais*”, em que o autor acrescenta o advérbio *só* para dar um efeito de ingenuidade à fala do personagem. Não podemos esquecer também que os animais – o gato, as cabras e, depois, os quatro casais de pombos mencionados, mas não contabilizados – apresentam todo um valor simbólico referente às vítimas da Guerra Civil Espanhola, a saber: o gato é o sobrevivente; os pombos que no final viram pombas (da paz) fazem parte da ironia construída no contexto, já que as pombas voam para longe; as cabras são citadas à frente como *os demais ou os outros* e carrega, histórica e simbolicamente, o significado de ser um animal para o sacrifício.

Sendo assim, o tradutor precisa observar e examinar efetivamente os traços do personagem, o cenário e, principalmente, o estilo do autor. Esses pontos contribuem

para uma tradução mais natural e eficaz. Isso reflete o fato de que “o tradutor é um mediador-participante, alguém que organiza uma tradução ‘inter-lingual’”, conforme observa Sobral (2008, p. 91).

(IV)

<u>Texto original</u>
" <i>What politics have you?</i> " I asked. " <i>I am without politics,</i> " he said.
<u>Tradução proposta</u>
" <i>O senhor gosta de política?</i> ", perguntei-lhe. " <i>Não entendo nada de política</i> ", respondeu.

Interpretar e ler a obra vinculada à história e ao contexto é uma atividade substancial no processo tradutório. Por vezes, o tradutor, seja pela correria da entrega da tradução da obra ou pela falta de conscientização e preparo, deixa esquecidos fatores sociais, históricos e culturais inerentes à obra. Por isso, traduzir uma obra, independentemente de sua extensão, significa ler, interpretar e buscar informações concernentes à proposta e construção do texto. Tendo como base esses princípios, busquei interrogar-me a respeito da construção da frase na língua original do conto e do seu eixo semântico no seu contexto social.

A palavra-chave da frase *politics* significa orientação, crença ou opinião política. Se formos tentar aproximar a tradução ao texto-fonte, não levando em conta a questão pragmática da língua-alvo do leitor, teremos, entre outras traduções possíveis, a seguinte construção: [pergunta do soldado] “Qual orientação / crença / opinião política você tem?” e [resposta do camponês] “Não tenho orientação / crença / opinião política”. Temos, portanto, um exemplo de uma tradução mais aproximada ao texto original. Mas será que essa tradução e construção frasal e sua semanticidade retratam a natureza da língua portuguesa? Se pensarmos que o idoso é um simples camponês, possui uma vida bucólica e que o diálogo entre os dois é breve, veremos que a tradução não é apropriada e é um tanto quanto artificial.

A interpretação e o estudo sociocultural do texto são o fulcro da inteligibilidade e eficácia de uma tradução. Com isso, busquei a essência da pergunta feita pelo soldado e a resposta do camponês já de idade. Enquanto o soldado quis saber se o camponês tinha algum conhecimento político, para averiguar se aquele senhor estava ciente do que estava acontecendo; do outro lado, evidenciam-se a ingenuidade e a falta de conscientização por parte do senhor acerca do acontecimento. Portanto, optei pelo diálogo: [o soldado pergunta] “O senhor gosta de política?” e [o senhor responde] “Não entendo nada de política”.

O grande desafio para o tradutor é submergir na essência da obra, para ser capaz de trazer a mesma sensação do original ao texto-alvo. Sendo assim, esse profissional da palavra corre dois riscos: se adotar o recurso da adaptação estrutural e semântica da frase, poderá haver “uma exploração abusiva da originalidade” (Venuti, 2002); se preferir manter uma tradução dita como tradicional e ética, poderá acontecer de “a intenção autoral não controlar seu significado e seu funcionamento sociais” (Venuti, 2002) no contexto da língua-alvo. Sabendo-se disso, precisamos ter o bom senso de entender até onde dois sistemas linguísticos se encontram e em que ponto se distanciam.

(V)

<u>Texto original</u>
It was a gray overcast day with a low ceiling so their planes were not up. <i>That</i> and <i>the fact that cats know how to look after themselves</i> was all the good luck that old man would ever have.
<u>Tradução proposta</u>
Nesse dia, o céu estava muito escuro e as nuvens baixas impediam que os aviões subissem aos céus. <i>Essa situação</i> e <i>o caso dos gatos</i> foram a única coisa boa que lhe restava.

Para encerrarmos esta seção de análise, primeiro, olhemos a função do *that* no exemplo apresentado. O pronome demonstrativo *that*, nesse texto, torna-se um elemento

referencial anafórico, ou seja, sua função é retomar o termo referencial da frase anterior para efeito coesivo. Se formos traduzir *that* como *este(a)* ou *esse(a)*, de modo a evocar uma mera substituição de palavra, causaremos certo estranhamento e artificialidade no texto. Agora, verifiquemos a frase seguinte: *the fact that cats know how to look after themselves* [...], em que literalmente significa: *o fato dos gatos saberem se cuidar* [...]. A respeito dessa tradução, o tradutor precisa levar em conta que essa informação já foi apresentada no texto e, por sua vez, a repetição dela integralmente não denotaria uma construção enunciativa eficaz, tampouco linguística na língua portuguesa.

Envolvido no universo de escolhas de termos, o tradutor precisa interpretar e, primordialmente, refletir a partir dos elementos textuais da língua-fonte e averiguar como poder-se-ia manter a intenção enunciativa na língua-alvo. Desse modo, o tradutor deverá perceber que se trata não exatamente de substituição de palavras, mas sim de correspondência de sentido. Sabendo-se disso, o elemento referencial *that* transformou em *essa situação*, retomando a explicação anterior e a frase *the fact that cats know how to look after themselves* [...] transformou-se em *o caso dos gatos*, assim permanecendo o sentido e a brevidade do autor e, ao mesmo tempo, objetivando um compromisso com o leitor da língua-alvo, pois como afirma Franz Rosenzweig (*apud* Ricouer, 2005) “traduzir é servir a dois senhores: ao estrangeiro em sua obra, ao leitor em seu desejo de aproximação”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se discute a relação do tradutor com a obra original. Este artigo preocupou-se, particularmente, em mostrar o tradutor como leitor, autor, coautor, intérprete e também mediador entre culturas. Não se deixou de lado a importância da obra literária original, mas foram levantadas teorias e reflexões que nos fizeram repensar a respeito da supervalorização da obra literária.

Além disso, com um olhar mais sociolinguístico e cultural, este artigo buscou apresentar o ato tradutório como um processo reflexivo, que se volta para o leitor de forma a alcançá-lo dentro de sua linguagem e de seu conhecimento cultural. Isso não significa ruptura com a obra original e muito menos adaptação, trata-se verdadeiramente de romper com as entranhas tradicionais da equivalência lexical e estabelecer a correspondência de sentido, levando de uma língua à outra o valor social contido no mundo da significação e não da substituição de palavra por palavra.

O compromisso não foi apontar erros ou esquivar-se dos problemas também intrínsecos à formação do tradutor, foi frisar que o papel do tradutor face à obra original deve ser interpretado como um ato de grande responsabilidade com o autor, com o leitor e, principalmente, com a mensagem fruto de um trabalho que permeou o discurso, a linguagem, os aspectos identitários e culturais de uma língua e se reconstruiu em outra.

Portanto, traduzir é ler nas entrelinhas, é sentir e estar como leitor, é viver a intensidade da obra, é frustrar-se, é indagar-se, é dizer ao outro aquilo que ouviu como ecos, é satisfazer-se, não se satisfazendo, é escrever, apagar e reescrever, é ouvir e atordoar-se em meio a tantas vozes, mas poder responder somente a uma.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARROJO, R. **Oficina de tradução**. São Paulo: Ática, 2007

BASSNETT, S. **Translation Studies**. London: Methuen, 1980.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Tradução de João Barrento. In: BRANCO, Lucia Castello (org.). **A tarefa do tradutor: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 82-98.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**, 3ªed., São Paulo (s.d.), Cultrix, 2003.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. Coleção Primeiros Passos 166. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CATFORD, J.C. **Uma teoria linguística da tradução**. São Paulo, Cultrix, 1980.

DERRIDA, Jacques. **Positions**. Tradução de Alan Bass. Chicago, University of Chicago Press, 1978.

DESLILE, J.; WOODSWORTH, J. **Os tradutores na história**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

MILTON, J. **O poder da tradução**. São Paulo: Ars Poética, 1993.

Revista Litteris – www.revistaliteris.com.br

Setembro de 2011

_____. **Tradução – Teoria e Prática.** Leitura e Crítica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAGANO, Adriana, ALVES, Fábio, e MAGALHÃES, Cecília. **Traduzir com autonomia: estratégias para um tradutor em formação.** São Paulo: Contexto, 2000.

RICOEUR, P. **Sobre la Traducción y Prólogo de Patrícia Willson.** Buenos Aires: Paidós, 2005.

SOBRAL, Adail. **Dizer o ‘Mesmo’ a Outros: Ensaio sobre Tradução.** São Paulo: Special Book Services, 2008.

STEINER, George. **After babel; aspects of language and translation.** Oxford, Oxford University Press, 1975.

Venuti, L. **Escândalos da tradução.** Bauru: Edusc, 2002.

Wyer, L. **Uma perspectiva multidisciplinar da tradução no Brasil.** In: MARTINS, M. (Org.). Tradução e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p. 96-105.

<<http://aulete.uol.com.br>>. **Dicionário aulete on-line.** Acesso em: 31 de maio, 2011.

<<http://oglobo.globo.com/cidades/mat/2011/04/18/exercito-termina-montagem-de-ponte-flutuante-no-pantanal-924264532.asp>>. **Globo On-line Cidades.** Publicado em: 18/04/2011. Acesso em: 31 de maio, 2011.